

**CULTURA DIGITAL, LETRAMENTO DIGITAL
E FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)
professorvilaca@gmail.com

RESUMO

Este trabalho discute diferentes dimensões das transformações e das implicações da cultura digital na formação de professores de línguas estrangeiras. O uso de tecnologia não é recente no ensino de línguas estrangeiras. No entanto, a emergência e a expansão de uma cultura digital oferecem diferentes implicações que devem ser consideradas na formação de professores, que incluem, mas não estão restritas ao letramento digital (ARAUJO & VILAÇA, 2017), gêneros textuais digitais (MARCUSCHI, 2008 e 2010; KOCH, 2011), multimodalidade e uso de recursos e ambientes baseados na web 2.0 (GABRIEL, 2013). Hoje a tecnologia afeta as práticas pedagógicas, mesmo quando não são empregadas em sala de aula e quando não se apresentam de forma clara. Isso se deve ao fato de que a cultura digital se mantém, mesmo quando não há "conexões" ou dispositivos digitais em uso.

Palavras-chave: Cultura digital. Letramento digital. Formação de professores.

1. Introdução

É fácil perceber o elevado número de publicações sobre tecnologia e educação. Sem precisar recorrer a nenhuma estatística, do mesmo modo, também é fácil notar como esta questão ganhou destaque nos últimos 15 anos. Este número, 15, é apenas uma aproximação já que no início da década passada muitos estudos passaram a discutir mais frequentemente as relações, implicações, reflexos, mudanças e desafios causados pela intensificação da cultura digital e de uma cultura de conexão.

A cultura digital ganhou destaque e passou a ser um tema amplamente discutido e pesquisado, sendo abordado por diversas áreas tanto em perspectiva disciplinar quanto interdisciplinar (SANTAELLA, 2010; FANTIN & RIVOLTELLA, 2012; VILAÇA, 2014; ARAÚJO & VILAÇA, 2016). Com a popularização das tecnologias digitais, dos dispositivos, da conexão em banda larga, dos aplicativos, vários conceitos relacionados a esta cultura digital foram sendo revistos e passaram a incorporar novos significados ou por processos de questionamento e revisão. Para ilustrar de forma objetiva, letramento digital e inclusão digital podem ser citados. Estes termos/conceitos têm sido usados com diferentes signi-

ficados e a sua compreensão tem incorporado novas percepções, características, perspectivas e atribuições. (VILAÇA & ARAUJO, 2017)

Este artigo se baseia na conferência *Cultura Digital, Letramento Digital e Formação de Professores de Línguas Estrangeiras*, realizada no XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, realizado em agosto de 2017. As discussões aqui estão também realizadas na integração com duas pesquisas realizadas por mim com auxílios da Bolsa de Produtividade em Pesquisa da FUNADESP/UNIGRANRIO e da pesquisa como Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ).

Foram selecionados aqui alguns pontos centrais da conferência, como forma de provocação para um olhar sobre a cultura digital de forma mais reflexiva e crítica.

2. Uma “nova” era “emergente” de “revoluções” e “evoluções”

Podemos encontrar com grande frequência o emprego dos adjetivos “novo” e “emergente” em livros, artigos, dissertações, teses e publicações em geral sobre tecnologias, inclusive em trabalhos no campo da educação e dos estudos linguísticos. Cabe questionar, no entanto, até que ponto o uso destas duas palavras é adequado ou corre o risco de ficar rapidamente ultrapassado, especialmente se considerarmos o ritmo vertiginoso das transformações tecnológicas nos últimos 20 anos aproximadamente.

Qual seria o tempo que permitiria classificar algo como “novo”? Será que podemos considerar 5 anos um período curto ou longo? Qual seria o ponto para que algum procedimento, produto, processo ou tecnologia possa ser entendida como “emergente”? Qual seria a característica que permitiria entender que algo já emergiu e se consolidou. Em outras palavras, destaque que o tempo no que se refere às questões, discussões e pesquisas tecnológicas é cada vez mais rápido, curto e, de certa forma, “instável”. A velocidade das mudanças tem sido amplamente abordada por pesquisadores de áreas diversas, como Pierre Levy (2010); Vani Moreira Kenski (2013) e Martha Gabriel (2013), por exemplo.

Logicamente, não estou considerando que o uso dos dois adjetivos seja impróprio ou errado. A proposta dos questionamentos aqui levantados é lançar uma reflexão sobre a velocidade das mudanças, assim como pode servir para evidenciar ou “denunciar” o risco de empolgação, fascínio e espanto que tudo que é visto como *novo* ou *emergente* pode trazer.

André Telles (2010, p. 17) afirma que “Vivemos um momento da história no qual a mudança é tão veloz que só começamos a ver o presente quando está quase desaparecendo”.

Luiz Antônio Marcuschi (2010) tratava de gêneros textuais emergentes, mas o pesquisador reconhecia claramente que a velocidade do desenvolvimento tecnológico era algo que não poderia ser ignorado. No entanto, o termo “gêneros emergentes” marcou muitos estudiosos de estudos linguísticos, que em várias publicações, mesmo após anos ainda se referiam a tais gêneros como “emergentes”.

Além de novo e emergente, outra palavra bastante comum em publicações sobre tecnologias é “revolução”. Esta palavra tem sido empregada geralmente para indicar ou reforçar a ideia de mudanças e transformações. Martha Gabriel (2013) brinca com as palavras evolução e revolução no título de seu livro: *Educ@r a r(e)volução digital na educação*. Certamente a autora faz este jogo de palavras para incluir também a compreensão de evolução. Se, por um lado, a revolução sugere mudanças e transformações, a palavra evolução permite o entendimento de mudança e progresso. Cabe lembrar também que as duas palavras podem ter sentidos específicos em diferentes áreas do saber, como história, sociologia, tecnologia...

Em termos tecnológicos, a revolução remete à ideia de grande impacto ou até mesmo mudança de um paradigma. Neste mesmo caminho, uma “evolução” tende a remeter a aprimoramento. Para a história, a ideia de revolução na contemporaneidade está associada à ruptura.

Evidentemente a proposta aqui é não é introduzir um estudo semântico sobre estas palavras, mas criar um espaço para provocação e reflexão.

3. *Cultura digital*

Em termos bem objetivos, discutir cultura digital implica reconhecer que mais que o uso de um dispositivo, serviço, aplicativo ou participar de um ambiente digital, as tecnologias digitais representam reflexos na forma como nos comunicamos, comportamos, interagimos, estudamos e realizamos diferentes práticas sociais. Como salienta a estudiosa Vani Moreira Kenski (2012, p. 21):

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e

a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social.

As interfaces, os dispositivos e sites online são apenas parte visível desta cultura digital que deve ser compreendida de forma mais ampla. Em aulas e palestras, costumo perguntar qual a tecnologia que está influenciando ou impactando a aula. O mais comum é que pensem no dispositivo em uso, muitas vezes o *datashow* e o computador. Afinal, eles se encontram no plano da visibilidade, do palpável... No entanto, costumo responder que é o *smartphone*, já que hoje muitas pessoas encontram grande dificuldade de se distanciar ou desconectar da internet, principalmente de aplicativos de mensagem e das redes sociais. Além disso, não é raro encontrar pessoas que fotografem o quadro ou o *slide* da aula ou apresentação.

Atualmente muitos esperam que a sociedade viva em modo “*Always on*” (sempre conectado, disponível, acessível e capaz de responder prontamente). Vivemos uma cultura da conexão ‘permanente’. Telefones celulares e computadores podem perder a função ou despertar pouco interesse hoje se não estiverem com internet.

Na apresentação no Congresso Nacional de Linguística e Filologia, no qual este trabalho foi apresentado, brinquei que vivemos uma era de *computação nas nuvens* (*cloud computing*) e, muitas vezes, de *cabeça nas nuvens*, já que a nossa capacidade de concentração pode estar reduzida. O riso causado pelo jogo de palavras teve como finalidade estimular um olhar mais reflexivo e crítico sobre as implicações da cultura digital no trabalho, na vida familiar, nos estudos... De forma contraditória, podemos estar perto e “conectado” em que está longe, mas distante e “desconectado” de quem está perto.

Por analogia ao processamento de computadores e celulares, a ideia de multitarefas tem sido empregada para caracterizar a geração atual, sob forte influência das tecnologias digitais. No entanto, cabe questionar: até que ponto há uma real e produtiva capacidade de realização de várias tarefas? Ou será que, muitas vezes, a operação é muito mais de divisão da concentração, e não de divisão? É evidente que esta discussão ultrapassa claramente o escopo deste trabalho, precisando ser discutidas em trabalhos específicos.

A motivação da provocação apontada acima foi gerar reflexões e questionamentos. É preciso compreender, pensar e refletir sobre a cultura

digital, evitando uma postura demasiadamente “otimista”, “encantada” ou “positiva”. Em outras palavras, aponto a necessidade de manter sempre um posicionamento equilibrado e sensato tanto sobre as potencialidades, possibilidades, recursos, inovação e outras vantagens que as tecnologias digitais podem oferecer ou viabilizar, sem perder de vista os desafios, riscos, limitações e implicações diversas que também podem acompanhar as tecnologias.

É comum encontrar “artigos”, “pesquisas”, “notícias” e discursos de “especialistas” nas redes sociais. O uso das aspas aqui tenta representar o cuidado necessário para tentar, de fato, saber a origem, a motivação e os interesses e discursos que podem estar camuflados, que, algumas vezes, são interesses comerciais e profissionais bem específicos, sem que, na verdade, apresentem características jornalísticas, acadêmicas e científicas. Alguns informes publicitários servem de exemplo. Apesar de publicados, muitas vezes, em grandes portais ao lado de notícias, são propagandas

4. Formação de professores

Pierre Lévy (2010, p. 159) salienta a questão da relação entre as tecnologias e a formação profissional ao afirmar que “pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira”. Partindo desta constatação, podemos defender a necessidade de pensar a formação profissional de forma permanente, sem que o foco esteja tão concentrado nos conteúdos específicos de uma área de formação. No caso de línguas, se uma língua não se altera tão significativamente em uma década ou duas, o mesmo não se pode dizer da tecnologia. As teorias linguísticas são examinadas, revistas.

Surgem novas teorias, abordagens, tendências e tópicos, mas não se trata de forte ruptura em breve espaço de tempo. Isto significa que ampliamos o campo dos conteúdos, mas não há um abandono ou negação do anterior de uma forma tão impactante. Logicamente o raciocínio aqui é abrangente, sem selecionar um campo, tema ou área específica.

No entanto, os impactos na formação de professores não devem ser pensados apenas no que se refere a um “repertório” de conteúdos. Em geral, a questão é mais complexa no que se refere às competências e habilidades, bem como nos espaços, metodologias de ensino-aprendizagem

e na interação e comunicação entre os atores destes processos. Em outras palavras, não se trata apenas de atualizar ou adicionar conteúdos, mas de desenvolver competências, habilidades, atitudes e estratégias discursivas que sejam mais adequadas à realidade em rápido fluxo de mudanças e transformações.

A relevância da formação continuada é destacada por Tania Maria Esperon Porto (2012, p. 171): “O trabalho com tecnologias requer constante atualização, qualificação e formação continuada”. Na questão em debate aqui, no entanto, convém ressaltar que devemos pensar em mais do que trabalhar com tecnologias, mas em uma cultura que emergiu e se transforma rapidamente sob influência das tecnologias. Ou seja, mesmo que um professor não trabalhe com tecnologia, as tecnologias digitais exercem impactos na sua formação, no perfil dos alunos, nas práticas discursivas e nas formas de interação.

Logo, é possível dizer que a cultura digital está *on* (ativada, ligada) mesmo quando os dispositivos, sistemas ou aplicativos estão *off*²⁶⁸ (desativados, desligados).

Na formação de professores, uma breve reflexão nos permite identificar e compreender que as implicações das tecnologias digitais incluem²⁶⁹:

- a) novos conteúdos e temáticas a abordar;
- b) competências e habilidades dos professores e dos alunos;
- c) espaços e processos de formação e formação continuada;
- d) emprego de dispositivos, serviços e aplicativos;
- e) perfil de professores e alunos, com o risco de conflito de gerações e de domínios e perspectivas tecnológicas;
- f) integração das tecnologias nas abordagens, metodologias e materiais didáticos;
- g) ferramentas e espaços de tutoria (ensino aprendizagem)

²⁶⁸ Um jogo de palavras com *online* e *offline* e com estar ligado ou conectado (*on*) e estar desligado ou desconectado (*off*).

²⁶⁹ O verbo *incluir* assinala diretamente que não se trata de um inventário exaustivo ou conclusivo.

No caso específico do professor de línguas, a comunicação por meio de gêneros textuais digitais (MARCUSCHI, 2010; ARAUJO & VILAÇA, 2017b), o letramento digital (BUZATO, 2010; COSCARELLI, 2011; ARAUJO & VILAÇA, 2017a), os textos multimodais são algumas questões que entram em discussão e que devem ser pensadas no currículo. Um ponto que pode ser ilustrado por merecer atenção é o preconceito linguístico na internet. É comum se deparar com postagens que buscam “brincar” ou “ridicularizar” erros de ortografia ou concordância, por exemplo. É importante lembrar que a relação das tecnologias no ensino de língua materna é algo mais “novo” e talvez menos evidente se comparado ao ensino de língua estrangeira.

O professor de línguas estrangeiras com maior frequência percebe mais diretamente a relação das tecnologias com as suas práticas docente. Em momento anterior da história, os recursos de áudio e vídeo já se destacavam como elemento frequente nas aulas de línguas estrangeiras, com dois destaques: pronúncia e minimização do uso de língua materna nas aulas. Logicamente, esta questão também varia de uma metodologia para outra e pela realidade de sala de aula.

Um dos primeiros grandes destaque que a internet ofereceu para o estudo de uma língua estrangeira foi a ampla possibilidade de uso da língua nas diferentes habilidades (leitura, compreensão oral, escrita e produção oral). Podemos perceber que a linguística aplicada é um dos primeiros campos a realizar uma quantidade expressiva de pesquisas sobre tecnologia e ensino e sobre educação a distância. Um fator que ajuda a justificar isto é a percepção de que as tecnologias podem contribuir para a aprendizagem, o ensino e a comunicação em língua estrangeira.

Ilustrando com a língua inglesa, não há como negar que a internet oferece em primeiro momento um grande campo para a leitura em inglês. Em espaço razoavelmente curto de tempo, as possibilidades de produção textual escrita, compreensão oral e produção oral também crescem de forma impressionante. Cabe ilustrar que na primeira metade da década de noventa, não era tão simples, no Brasil pelo menos, ouvir uma comunicação real entre falantes nativos, assistir à filmes com o áudio e a legenda em inglês, ler traduções de músicas, ter acesso a tantos dicionários, softwares...

Alguém que tenha iniciado o estudo de língua inglesa já na década de 2000 talvez não se atente para isso, já que a internet comercial – disponível para as residências em geral - apresenta um novo cenário. Com a

web 2.0 (VALENTE & MATTAR, 2007; TORI, 2010; VILAÇA, 2011; MATTAR, 2013), as mudanças são ainda maiores. Podemos pensar em um novo cenário, rico, amplo e desafiador, no que se refere às implicações para os estudos de línguas e as práticas discursivas.

Se, por um lado, as possibilidades de contato, uso, comunicação e interação em línguas estrangeiras se diversificam e intensificam, as práticas pedagógicas e os processos de formação de professores e formação continuada também demandam novos olhares, discussões, reflexões sobre currículos e programas de ensino, práticas pedagógicas, formas de interação... Ou seja, as possibilidades também são acompanhadas de desafios e da necessidade de exame crítico e reflexivo permanente.

É necessário estar atento para que, ingênua ou comodamente, não sejam ignoradas as necessidades de mudanças, pensando demasiadamente apenas nas possibilidades e vantagens da tecnologia. Este deve ser um processo que se inicia na formação dos professores pré-serviço, mas que seja acompanhada longitudinal e permanentemente. Universidade, escolas e cursos devem planejar formas de possibilitar esta formação atual, que seja capaz de dar conta de uma realidade demanda o desenvolvimento de novas habilidades e competências dos professores.

5. Considerações finais

É um erro pensar apenas em incluir a tecnologia nas práticas docentes como possibilidade ou "sinal" de inovação, sem que esta inserção tecnológica vem acompanhada de elementos básicos que possibilitem de fato uma inclusão e possibilidade de uso produtivo ou inovador da tecnologia. Cada espaço de formação e atuação profissional deve traçar estratégias para lidar com isso.

Há um risco de um discurso bastante perigoso de que o professor "deve se atualizar" (muitas vezes por conta própria) sobre o uso da tecnologia na sala de aula. Como já apontado no início do trabalho, a questão da cultura digital hoje deve ser compreendida para além de inserir um dispositivo, aplicativo ou serviço tecnológico nas práticas pedagógicas. Esta perspectiva é reducionista e pode atender mais a vontade de parecer atual e inovador do que ser de fato. Deve-se evitar o risco de dispositivo ou aplicativos "da moda", sem uma reflexão mais abrangente sobre as implicações em questões didáticas, discursivas, éticas, legais...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Sociedade conectada: tecnologia, cidadania e infoinclusão. In: ____; ____ (Orgs.). *Tecnologia, sociedade e educação na era digital*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2016.

_____; _____. Educação na cibercultura: letramento digital e letramentos múltiplos. In: ____; ____ (Orgs.). *Cultura digital, educação, linguagem e tecnologia*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2017a.

_____; _____. Gêneros textuais digitais, suporte ou serviço? In: ____; ____ (Orgs.). *Cultura digital, educação, tecnologia e linguagem*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2017b.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Novos letramentos e apropriação tecnológica: conciliando heterogeneidade, cidadania e inovação em rede. IN: RIBEIRO, Ana Elisa et al. (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: ____; RIBEIRO Ana Elisa. *Letramento digital – aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e formação de professores: usos da mídia, práticas culturais e desafios educativos. In: ____; ____ (Orgs.). *Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas: Papirus, 2012.

GABRIEL, Martha. Educ@r: a (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8 ed. Campinas: Papirus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e tempo docente*. Campinas: Papirus, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: ____; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção dos sentidos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATTAR, João. *Web 2.0 e redes sociais na educação*. São Paulo: Artesanato Cultural, 2013.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas? In: FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. (Orgs). *Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores*. Campinas: Papyrus, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-moderno: da cultura das mídias à cibercultura*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

TELLES, André. *A revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas*. São Paulo: MBooks, 2010.

TORI, Romero. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: SENAC, 2010.

VALENTE, Carlos; MATTAR NETO, João Augusto. *Second Life e Web 2.0 na Educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias*. São Paulo: Novatec, 2007.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Web 2.0 e materiais didáticos de línguas: reflexões necessárias. *Cadernos do CNLF*, vol. XV, n. 5, t. 1, p. 1017-1025. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/90.pdf>.

_____. Educação, tecnologia e cibercultura: entre impactos, possibilidades e desafios. *Revista UNIABEU*, Belford Roxo, vol. 7, n. 16, p. 60-75, maio/ago.2014. Disponível em: <http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/1423/pdf_99>.

_____; ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira de. Educação na Cibercultura: Letramento Digital e Múltiplos Letramentos. In: ____; _____. (Orgs.). *Cultura digital, educação, tecnologia e linguagem*. Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2017.